U.PORTO

MESTRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA DA JUSTIÇA E DA DESVIÂNCIA

Ousadia e aversão ao risco em profissionais de segurança e proteção

Mariana Louro Ferreira

M

2026

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

OUSADIA E AVERSÃO AO RISCO EM PROFISSIONAIS DE SEGURANÇA E PROTEÇÃO

Mariana Raquel Louro Ferreira
Setembro, 2026

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia, Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor **Fernando Barbosa** (FPCEUP).

Avisos legais

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto concetuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Sem prejuízo do disposto anteriormente, a autora declara que recorreu a ferramentas de Inteligência Artificial durante o processo de elaboração deste trabalho. Em particular, utilizou-se o Copilot para apoio na análise estatística e estruturação do texto. O recurso a estas ferramentas limitou-se aos usos descritos, mantendo-se as ideias, a análise, a interpretação dos resultados, a elaboração científica e a redação inicial da Dissertação integralmente da responsabilidade da autora.

Agradecimentos

Depois de dois anos de avanços e recuos, esta dissertação não teria sido possível sem cada uma das pessoas que não largaram a minha mão ao longo desta jornada. Tenho tanto a agradecer-vos.

Em primeiro lugar quero agradecer ao professor Fernando Barbosa que não desistiu da menina que lhe foi dizendo "Professor, voltei a trabalhar a full-time…" e que sempre respeitou o meu ritmo. A si agradeço-lhe todas as reuniões, cada email trocado, todas as orientações e todas as vezes em que me perguntou como ia a vida… e a tese.

Aos meus pais que sempre me disseram "Filha, tens de escolher o que realmente gostas. Se é isso, então força.". Obrigada por terem estado sempre ao meu lado, mesmo quando eu vos fazia perguntas que claramente não conseguiam responder. Obrigada por nunca me terem deixado desistir. Obrigada mãe por teres cuidado de tudo para que eu pudesse trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Obrigada pai por teres insistido que querias ver a tua filha formada.

À minha irmã que sempre me deu o mundo e garantiu que eu tivesse tudo aquilo que ela não teve. A ti que és o meu verdadeiro exemplo de força e resiliência, obrigada. Gostava de, um dia, ter metade da capacidade de enfrentar a vida que tu tens. Obrigada por nunca me teres deixado desistir.

Ao Miguel. Nestes últimos sete anos tens sido o meu pilar. Obrigada por todas as vezes que repetiste sem te cansares que eu sou capaz disto e muito mais, por me teres ouvido ler esta tese vezes e vezes sem conta e por me teres lembrado tantas vezes do quanto chegar aqui era importante para mim. Obrigada por seres quem me compreende mesmo quando as palavras não saem.

Ao Tiago. Sem ti, digo com toda a certeza do mundo que não teria terminado esta dissertação. Não tenho como te agradecer pelo empurrão que me deste quando tudo indicava que não ia conseguir terminar. Obrigada por todos os treinos, todas as conversas e todas as gargalhadas. O respeito e o carinho que tenho por ti são enormes.

À Sofia e ao Francisco, os dois grandes amigos que levo da FPCEUP para a minha vida. Agora percorremos caminhos completamente diferentes, mas vocês foram parte tão importante desta jornada, mesmo depois de terem terminado o vosso mestrado. Obrigada por todas as saídas durante as quais não se cansaram de me ouvir falar sobre os meus medos.

À Inês, a minha madrinha académica e amiga. Não me canso de dizer que és das mulheres mais inspiradoras que eu conheço. A tua luz, a tua força de vontade, a tua capacidade de fazer acontecer. Há pessoas que nos fazem querer viver e tu, és uma delas.

À Protokol, um obrigada por toda a flexibilidade que me proporcionou durante estes dois anos para que eu pudesse terminar este projeto. É uma sorte integrar uma empresa tão humana como esta.

Aos Bombeiros Voluntários de Gondomar, um agradecimento especial por me terem aberto as vossas portas e me terem recebido sempre tão bem. Obrigada por todas as tardes e noites que me permitiram passar convosco. Obrigada a cada bombeiro e bombeira que, depois de participar na tese, ficaram horas a conversar comigo. Ensinaram-me tanto em tão pouco tempo.

Aos Bombeiros Voluntários de São Pedro da Cova, à CPCJ de Gondomar e a todas as pessoas que voluntariamente dispensaram de minutos valiosos da sua vida para participar nesta tese, o meu mais sincero obrigada. Sem cada um de vocês nada disto seria possível. Para vocês foram uns minutos, para mim é o objetivo de uma vida tornado realidade.

Quero ainda agradecer a mim mesma por não ter desistido. Quero agradecer à Mariana que, quando ainda nem sabia bem o que era a psicologia, dizia que queria ser psicóloga e que aí trilhou o caminho de uma vida e quero agradecer à Mariana que anos mais tarde não desistiu e chegou até aqui.

Sou tão sortuda por ter pessoas tão bonitas do meu lado. A todos vocês, gratidão hoje e sempre.

Resumo

A *ousadia* (*boldness*) caracteriza-se pela dominância social e espírito de aventura, associando-se a elevada autoconfiança e tolerância face ao perigo. A *aversão ao risco* (*risk-aversion*) é amplamente estudada na tomada de decisão económica, descrevendo a tendência para privilegiar opções seguras, contrariando as teorias clássicas de utilidade esperada.

Neste estudo pretendeu-se analisar a relação entre a *ousadia* e a *aversão ao risco* e compreender o modo como se relacionam com a tomada de decisão, comparando pessoas que desempenham profissões de risco com as de risco reduzido. Recorrendo a uma metodologia quantitativa, aplicou-se um questionário sociodemográfico, a subescala de Ousadia da *Triarchic Psychopathy Measure* (TriPM) e a tarefa experimental *Iowa Gambling Task* (IGT). A amostra foi constituída por 81 participantes distribuídos por um grupo de profissionais de risco (GPR, $n = 46$) e um grupo de controlo (GC, $n = 35$).

Contrariamente ao esperado, a *ousadia* não se revelou um preditor significativo da *aversão ao risco*. Verificou-se igualmente que o GPR não apresentou diferenças estatisticamente significativas face ao GC em nenhum dos construtos, embora se tenham observado níveis ligeiramente superiores em ambos no GPR. De forma geral, na IGT os participantes de ambos os grupos mostraram um processo de aprendizagem caracterizado por uma exploração inicial com redução gradual da decisão por opções mais arriscadas.

Este estudo contribui para colmatar a escassez da investigação científica sobre este tema, salientando a complexidade dos processos de tomada de decisão e a importância de práticas de avaliação ajustadas às exigências das profissões de risco.

Palavras-chave: ousadia; aversão ao risco; tomada de decisão; profissionais de risco; incerteza.

Abstract

Boldness is characterized by social dominance and a spirit of adventure and is associated with high self-confidence and tolerance for danger. *Risk-aversion* is widely studied in economic decion-making and describes the tendency to favor safer options, contrary to what would be prodicted by classical expected-utility theories.

This study aimed to examine the relationship between *boldness* and *risk-aversion* and to understand how these constructs relate to decion-making, by comparing high-risk professionals with those in lower-risk professions. Using a quantitative methodology, a sociodemographic questionnaire was administered, followed by the Boldness subscale of the *Triarchic Psychopathy Measure* (TriPM) and the *Iowa Gambling Task* (IGT). The instruments were administered to a sample of 81 participants divided into a high-risk goup (HRG, $n = 46$) and a control group (CG, $n = 35$).

Contrary to expectations, *boldness* didn't prove to be a significant predictor of *risk-aversion*. It was also found that the HRG didn't show statistically significant differences from de CG in either construct, although slightly higher levels were observed on both dimensions in the HPG. Overall, in the IGT, participants of both groups demonstrated a learning process characterized by initial exploration followed by a gradual reduction in the selection of disadvantageous options.

This study helps to address the lack of scientific research on this topic, highlighting the complexity of decion-making processes and the importance of developing assessment practices tailored to the specific needs of professios involving significant exposure to risk.

Keywords: boldness; risk-aversion; decion making; risk professionals; uncertainty

Índice

Introdução 1
Ousadia 1
A ousadia como traço de personalidade 1
Instrumentos de avaliação da ousadia 2
A ousadia na tomada de decisão económica 3
Aversão ao risco 3
Tomada de decisão em contexto de incerteza 4
Lacunas na investigação o presente estudo 5
Método 7
Amostra 7
Materiais 8
Questionário sociodemográfico 8
Iowa Gambling Task (IGT) 8
Subescala de Ousadia da Triarchic Psychopathy Measure (TriPM) 9
Procedimentos 10
Resultados 12
Testes estatísticos à H1: Participantes de profissões de riscos apresentam níveis mais elevados de ousadia e mais baixos de aversão ao risco 12
Testes estatísticos à H2: Níveis mais elevados de ousadia predizem níveis mais baixos de aversão ao risco 13
Desempenho dos grupos ao longo dos cinco blocos da IGT 13
Discussão 15
Conclusões finais 20
Referências bibliográficas 22
Anexos 26
Anexo A 26
Anexo B 27
Anexo C 29

Introdução

Ousadia

A ousadia como traço de personalidade

Vários são os autores que têm procurado definir o construto de *ousadia* (*boldness*). Por exemplo, Lonmgman (2003, cited in Ciotti et al., 2023) define um indivíduo com elevada *ousadia* como alguém determinado e confiante a ponto de ser capaz de correr riscos; Wilson e colaboradores (1994) definem o construto como um fator que permite progredir em situações de risco; Eysenck e Wilson (1975, cited in Ciotti et al., 2023) associam-no a uma tendência para correr riscos. Mais recentemente, Rogeri e colaboradores (2020) definem a *ousadia* como uma característica presente em pessoas que gostam de correr riscos e procurar recompensas sem se preocuparem com as consequências; ainda segundo Ciotti e colaboradores (2023), a *ousadia* é utilizada para descrever atitudes corajosas, audazes e insolentes.

No ser humano, a *ousadia* tem sido estudada em duas áreas científicas distintas: na psicologia e na economia. Enquanto neste última de procura, por exemplo, estudar o efeito da *ousadia* em jogos económicos, na psicologia a sua conceptualização tem derivado sobretudo da literatura sobre a psicopatia, embora possa considerar-se um traço que se relaciona com dimensões comuns da personalidade.

Uma das primeiras definições deste constructo é da autoria de Lykken (1957), que o descreve como um traço de reduzida ansiedade e medo, ligado à psicopatia. No seu livro *The mask of sanity,* Cleckley (1941/1976, cited in Patrick et al., 2009) relata pacientes com falhas comportamentais e sociais mascaradas por características adaptativas, como ausência de ansiedade patológica e sintomas neuróticos, reatividade emocional a stressores diminuída, isenção de medo face à punição e, consequentemente, reduzidas taxas de suicídio. Tais características aproximam-se das que descrevem a *ousadia,* sendo esta vista como uma dimensão, em parte, adaptativa da psicopatia e, por conseguinte, importante para compreender indivíduos, que embora apresentando certos traços de personalidade psicopática, ascendem a altos cargos na sociedade (Patrick et al., 2009). Com efeito, para Patrick e colaboradores (2009) a *ousadia* pode ser concebida como um fenótipo personalístico de dominância social, resiliência emocional e espírito de aventura, que apresenta na sua origem um genótipo de *destemor* (*fearlessness*), também chamado *fator de baixo medo* (*low fear factor*), o qual se traduz numa sensibilidade reduzida do sistema motivacional defensivo do cérebro face a pistas de perigo ou

punição. Assim, este fenótipo corresponde a uma dimensão neurocomportamental da sensibilidade à ameaça, que se presume refletir diferenças individuais na reatividade do sistema defensivo central do cérebro, assente na amígdala e estruturas afins (Patrick & Drislane, 2015).

Indivíduos com elevada ousadia tendem a possuir elevada autoconfiança, eficácia social e tolerância face ao perigo e ao desconhecido, sendo consequentemente capazes de manter a calma em situações de ameaça, bem como recuperar rapidamente de situações de elevado stress. Deste modo, manifestações comportamentais deste traço incluem assertividade, capacidade de persuasão, coragem, espírito aventureiro e sentir-se seguro em situações sociais. No entanto, segundo Stanley e colaboradores (2013) este traço parece estar associado à agressão verbal embora apresente uma correlação negativa com a hostilidade (Fanti et al., 2016).

Instrumentos de avaliação da ousadia

Na escala *Psychopathic Personality Inventory* (PPI) de Lilienfeld & Andrews (1996), a *ousadia* parece ser avaliada de forma adequada pelo fator *dominância de baixo medo* (*fearless dominance*), cujas subescalas *dominância social*, *imunidade ao stress* e *destemor*, refletem níveis de eficácia social e tolerância ao perigo. Este constructo é representado na escala como uma expressão benigna do genótipo que está na sua etiologia, distanciando-se da externalização agressiva desviante para se aproximar de uma conduta não violenta (Patrick et al., 2009). O fator está negativamente associado a medidas de autorrelato de medo, ansiedade, empatia emocional (Benning et al., 2005), bem como a sintomas de diagnóstico de perturbação de internalização (Blonigen et al., 2005), e positivamente associado à procura de emoções, aventura, sociabilidade e narcisismo (Benning et al., 2005). Tal indica que o fator reflete a ausência de ansiedade e medo e a capacidade de desfrutar de atividades fisicamente perigosas.

A *ousadia* é também avaliada pela faceta Interpessoal (*Interpersonal*) do Fator Interpessoal-afetivo (*Interpersonal-affective*) da escala *Psychopathy Checklist–Revised* (PCL-R) de Hare (2003, cited in Hall et al., 2004) nomeadamente por itens como o item 1 - ”charme”, e o item 2 - “sentimento de grandiosidade”. Esta faceta demonstra relação com tendências adaptativas, nomeadamente com medidas de dominância e eficácia social e de resiliência emocional (Hall et al., 2004), correlacionando-se negativamente com medidas de ansiedade, depressão e medo. Não obstante este traço ser abordado nesta escala de forma mais superficial comparativamente com a PPI, o fator Interpessoal tem mostrado estar correlacionado, ainda que moderadamente, com a faceta *dominância de baixo medo* (Benning et al., 2005).

Por fim, este constructo é ainda avaliado pela *Triarchic Psychopathy Measure* (TriPM) de Patrick (2010, cited in Paiva et al, 2020) que contém uma subescala de ousadia (*boldness*),

desenvolvida para analisar tendências de destemor e dominância social, nomeadamente nos domínios da experiência emocional, comportamento interpessoal e espírito de aventura. Na experiência emocional esta escala recorre a itens que avaliam a resiliência, a autoconfiança e o otimismo; no comportamento interpessoal os itens avaliam a persuasão, a segurança em meio social e a dominância; e no espírito de aventura utiliza itens que avaliam a coragem, a procura de emoções e a tolerância ao desconhecido. Poy e colaboradores (2014) analisaram a existência de relações entre as subescalas da TriPM e as facetas do *Five-Factor Model* tal como estão operacionalizadas no Inventário de Personalidade NEO Revisto (NEO PI-R; Costa & McCrae, 1992) em estudantes universitários. A subescala o*usadia* mostrou-se positivamente correlacionada de forma robusta com a Extroversão, com a Agradabilidade e Conscienciosidade num nível moderado e com a Abertura em menor grau. A mesma subescala demonstrou uma correlação negativa com o Neuroticismo.

A ousadia na tomada de decisão económica

Burgos e colaboradores (2002) investigaram a incompatibilidade entre os equilíbrios estacionários perfeitos em jogos económicos (*stationary subgame perfect equilibria - SSPE)* e os comportamentos de jogadores que se coadunam com o Paradoxo de Allais. Segundo este paradoxo (Kahneman & Tversky, 1979) a possibilidade de um resultado de ganho elevado pode aumentar a aversão ao risco por parte dos jogadores. Assim, no contexto do jogo económico, a *ousadia* pode ser vista como um comportamento de negociação agressiva que tem por base uma maior tendência para correr riscos por parte do jogador mesmo existindo a possibilidade de perda, contrariando o Paradoxo de Allais.

Aversão ao risco

A *aversão ao risco* (*risk-aversion*) é um fenómeno muito estudado na tomada de decisão económica, assentando o seu interesse no facto de contrariar as teorias clássicas, segundo as quais um decisor racional escolherá a opção que representa uma maior utilidade esperada e maximização do seu lucro. Contudo, a literatura tem demonstrado que grande parte das pessoas opta por opções mais seguras em detrimento daquelas que, sendo arriscadas, representam maior utilidade esperada. Esta tendência foi cunhada de *aversão ao risco* (Molins et al., 2022) e explicada por Bernoulli (1954) como resultado de uma avaliação feita pelos indivíduos não do valor objetivo do resultado (*outcome*), mas do seu valor subjetivo. Este último segue uma função côncava, isto é, a diferença entre 100 e 200 euros é mais valorada do que aquela entre 1100 e 1200 euros. Desta forma, embora contrarie a teoria económica clássica, a *aversão ao*

risco pode ser vista como um comportamento racional dentro do quadro estabelecido. Kahneman e Tversky (1979) demonstraram que as pessoas tendem a evitar riscos quando as opções são enquadradas em termos de ganhos, mas a assumir mais riscos quando as mesmas opções são enquadradas em termos de perdas. Este fenómeno ficou conhecido como *efeito de enquadramento* (*framming effect*) e é consistente com a maior sensibilidade às perdas do que aos ganhos, descrita em termos de *aversão à perda* (*loss aversion*). A sujeição da tomada de decisão à perspetiva com que é descrito o problema e o fenómeno de *aversão ao risco* residem no facto de os seres humanos não serem tão estratégicos e racionais quanto são retratados pelos modelos de economia clássica (Starcke & Brand, 2012). Muitas das decisões são rápidas e elementares, sendo estes comportamentos influenciados por processos automáticos e emocionais, como o viés de aversão à perda (Rabin & Thaler, 2001, cited in Molins et al., 2022; Sokol-Hessner et al., 2013). De facto, a perda e o ganho, não são sentidos de igual forma, pois a perda é sentida mais intensamente (Rabin & Thaler , 2001).

A *aversão ao risco* não se apresenta da mesma forma em todos os indivíduos. Apesar de não serem totalmente conhecidas as fontes da sua variabilidade, as diferenças individuais parecem depender de variáveis como o género, a idade e o nível de educação (Harrati, 2014). Vários estudos sugerem que estas diferenças estão parcialmente relacionadas, por um lado, com questões genéticas, com uma quantidade considerável de estudos gemelares a demonstrar que a *aversão ao risco* é parcialmente determinada pela variação da estrutura genética individual e, por outro lado, neuronais, destacando-se a relação entre os níveis *de aversão ao risco* e os polimorfismos envolvidos nas vias dopaminérgicas e serotoninérgicas (Molins et al., 2022).

Tomada de decisão em contexto de incerteza

Uma das formas de avaliar a *aversão ao risco* é através da tomada de decisão em condições de incerteza. A tomada de decisão nestas condições é um processo complexo, que envolve a avaliação de opções cujos resultados não são totalmente conhecidos, exigindo a integração de informação incompleta, variabilidade nos resultados e antecipação.

A literatura contemporânea tem vindo a demonstrar que decidir sob incerteza também não é um processo exclusivamente racional, mas sim um processo dinâmico que resulta da interação entre mecanismos cognitivos, estratégias adaptativas e características individuais. Nas teorias clássicas, a investigação económica também explica a decisão sob incerteza através da utilidade esperada. Contudo, estudos recentes mostram que quando a variabilidade dos resultados aumenta, as pessoas tendem a abandonar estratégias de decisão baseadas no valor esperado e passam a recorrer, por exemplo, à frequência das recompensas (Hu et al., 2025). Os

autores deste tipo de estudos revelam que quando a confiança na estimativa do valor diminui, as pessoas tendem a compensar essa incerteza utilizando pistas mais simples, revelando um sistema dual de decisão: por um lado, um sistema orientado para o valor e, por outro, um sistema voltado para a frequência, cuja ativação depende do nível de incerteza percebida.

No entanto, as características individuais parecem influenciar a forma como lidamos com a incerteza. Segundo Schröder e Freedman (2020) quando estamos perante contextos de incerteza, as preferências económicas, como a aversão ao risco e aversão à ambiguidade, refletem os comportamentos adotados perante o risco enquanto os traços psicológicos, como a intolerância à ambiguidade e a autoestima, traduzem tendências cognitivas e emocionais com impacto na nossa perceção da incerteza, mas que não se manifestam necessariamente em comportamentos observáveis. Assim, segundo estes autores as preferências económicas e os traços psicológicos não são equivalentes uma vez que as preferências económicas captam aspetos comportamentais específicos que espelham a tomada de decisão efetiva, sendo indicadores puros do comportamento económico. Em tarefas de tomada de decisão em condições incertas, como a *Iowa Gambling Task* (IGT; Bechara et al, 1994), a tolerância à incerteza parece facilitar a orientação inicial das decisões, promovendo aprendizagem e desenvolvimento de expectativas probabilísticas. Participantes com maior tolerância à incerteza assumem mais riscos no início da tarefa antes de consolidarem uma estratégia. Por sua vez, a intolerância à incerteza parece levar à adoção de estratégias de evitamento e maior *aversão ao risco* após a perda (Kornilova et al, 2018).

Lacunas na investigação e o presente estudo

As profissões de risco, como as desempenhadas por bombeiros, agentes das polícias e outros corpos de segurança, técnicos das Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), entre muitos outros, caracterizam-se por uma exigência constante de tomada de decisão rápida em contextos de elevada pressão, incerteza e potencial ameaça física ou emocional. Estes profissionais enfrentam diariamente situações que envolvem perigo real, urgência temporal e responsabilidade social significativa. O que os faz assumir estes riscos e como decidem nestas circunstâncias?

A literatura existente sobre este tema é escassa e aborda os constructos *ousadia* e *aversão ao risco* de forma separada, mas não os articula em contextos profissionais onde o risco é uma componente estrutural da atividade. Existem alguns estudos que revelam que a *ousadia* é um fator que influencia o desempenho em condições de ameaça, por exemplo, com os indivíduos que apresentam níveis superiores de ousadia a apresentarem baixa potenciação do

reflexo de sobressalto (Yancey et al., 2022). A mesma também se revela significativamente associada ao heroísmo e ao altruísmo, com os profissionais de socorro a obterem pontuações mais elevadas nas medidas de *ousadia* (Patton et al, 2018). Contudo, desconhecem-se na literatura estudos que explorem diretamente a relação entre *ousadia, aversão ao risco* e tomada de decisão em profissionais de risco. Esta ausência de estudos representa um vazio científico importante, uma vez que estes profissionais lidam diariamente com situações onde a tolerância ao perigo, a gestão emocional e a tomada de decisão são cruciais. A compreensão de como traços como a *ousadia* se relacionam com a *aversão ao risco* e a tomada de decisão pode contribuir para clarificar perfis psicológicos adaptativos, identificar fatores de proteção, melhorar processos de formação e apoiar práticas de seleção e acompanhamento profissional. Assim, investigar estes constructos em profissionais de risco não só contribui para preencher uma lacuna no corpo de conhecimento científico, como também oferece uma oportunidade para compreender de que forma características individuais podem influenciar decisões críticas em contextos de elevada exigência.

Tendo o acima explanado em consideração, o presente estudo pretendeu contribuir para compreender como a *ousadia* e a *aversão ao risco* se relacionam, contribuindo para a tomada de decisão em condições de incerteza em profissionais que enfrentam situações de risco no exercício das suas funções. Especificamente, pretendeu-se: (1) comparar os níveis de ousadia entre profissionais de profissões de risco e participantes controlo; (2) comparar os níveis de aversão ao risco entre os dois grupos; (3) analisar se a ousadia é preditora da aversão ao risco; (4) analisar o papel da aversão ao risco na tomada de decisão em condições de incerteza, comparando o desempenho entre os grupos na IGT. Mais especificamente, formularam-se as seguintes hipóteses experimentais:

H1: Participantes de profissões de risco apresentam níveis mais elevados de ousadia (H1.1) e mais baixos de aversão ao risco (H1.2) do que participantes controlo que não exercem profissões de risco.

H2: Níveis mais elevados de ousadia predizem níveis mais baixos de aversão ao risco em condições de incerteza.

Método

Amostra

Foram recrutados um total de 107 participantes para o presente estudo. Contudo, foram excluídos 26 indivíduos por não cumprirem os critérios definidos: quatro por não exercerem atividade profissional à data da recolha de dados; 16 por reportarem diagnóstico de doença psiquiátrica; cinco por reportarem consumo abusivo de substâncias psicoativas; e 1 por resposta inválida. Assim, a amostra final integrou 81 participantes, dos quais 51 eram do sexo masculino e 30 do sexo feminino, subdivididos em dois grupos (ver Tabela 1): um grupo de profissionais de risco (GPR; $n = 46$) e um grupo de controlo (GC; $n = 35$). A idade dos participantes variou entre os 19 e os 63 anos ($M = 36.23$, $DP = 12.00$).

O GPR foi composto por bombeiros e técnicos de uma Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), tendo a recolha de dados sido realizada presencialmente nas respetivas instituições. Os participantes do GC foram recrutados presencialmente em diferentes contextos da comunidade, nomeadamente numa empresa de Recursos Humanos (RH) e num ginásio. Foi garantida a participação voluntária após consentimento informado em todos os casos.

Para ambos os grupos, os critérios de inclusão foram: (a) idade igual ou superior a 18 anos; (b) exercício profissional ativo no momento da participação; (c) ausência de perturbações neurológicas, sensoriais, motoras, mentais ou cognitivas que pudessem comprometer o desempenho nas tarefas ou os processos de tomada de decisão. Como critérios de exclusão definiram-se: (a) respostas incompletas ou inválidas; (b) consumo abusivo (autorreportado) de fármacos ou substâncias psicoativas. Ambos os grupos mostraram-se estatisticamente equivalentes quanto ao sexo, escolaridade e idade, assegurando que essas variáveis não afetavam a comparabilidade entre grupos quanto às variáveis em estudo.

Tabela 1
Estatísticas Descritivas dos Participantes por Grupo

	GPR ($n = 46$)	GC ($n = 35$)
Idade (anos)		
Média (*DP*)	35.33 (10.88)	37.43 (13.40)
Faixa etária	20-63	19-61

Sexo		
Feminino	16	14
Masculino	30	21
Escolaridade (anos)		
Média (*DP*)	13.13 (2.65)	13.66 (2.43)
Faixa [a]	9-20	6-17

Nota. *n* = 81. GPR = Grupo de profissionais de risco; GC = Grupo de controlo; *DP* = Desvio-padrão

[a] A escolaridade em anos é referente à escolaridade vertical, isto é, ao número de anos de ensino formal completados com sucesso, independentemente de eventuais reprovações.

Materiais

Questionário sociodemográfico

Inicialmente, foi administrado um questionário sociodemográfico com recurso à plataforma *Qualtrics* (Qualtrics XM, 2026) para caracterizar a amostra. Foram recolhidas informações referentes à idade, sexo e profissão dos participantes. Atendendo aos objetivos do estudo e à natureza da tarefa experimental, foram igualmente formuladas questões relativas ao historial clínico, bem como ao consumo de fármacos e substâncias psicoativas.

Iowa Gambling Task (IGT)

O *Iowa Gambling Task* (IGT; Bechara et al., 1994) foi administrado para medir os níveis de *aversão ao risco*. Nesta tarefa o objetivo é maximizar o lucro, permitindo analisar a tomada de decisão e o comportamento arriscado (*risky behavior*) em condições de incerteza semelhantes às do dia-a-dia (Bechara et al., 1994). Nesta tarefa, os participantes escolhem uma carta de entre quatro baralhos (A, B, C, D) ao longo de 100 jogadas, organizadas em cinco blocos de 20 jogadas cada, sendo que dois dos baralhos (A e B) representam um nível de risco superior em relação aos outros dois (C e D). As cartas dos baralhos C e D resultam em ganhos monetários menores, mas as perdas também são inferiores, enquanto as cartas dos baralhos A e B permitem ganhos superiores, porém, as perdas são mais elevadas e frequentes. Assim, ao longo da tarefa é esperado que os participantes aprendam a escolher os baralhos mais vantajosos através do feedback que vão obtendo após cada escolha. Em vez de ganhos e perdas monetárias, aplicou-se uma versão da tarefa em que os participantes ganhavam ou perdiam pontos. No final da tarefa, por cada 10 pontos ganhos os participantes receberam um número que os habilitava a participar no sorteio de um bem.

Neste estudo, foi utilizada uma versão computorizada da tarefa implementada pelo software online *PsytoolKit* (Stoet, 2010, 2017). Os participantes foram instruídos a escolher entre quatro baralhos, correspondentes a "botões" disponíveis no ecrã do computador (A, B, C e D), sendo instruídos a tentar maximizar os seus pontos até ao final da tarefa. Estes iniciaram com uma quantia de 10 pontos e, após cada jogada, eram indicados os pontos ganhos a verde ou perdidos a vermelho, sendo atualizada a quantia total de pontos obtidos até ao ensaio correspondente. Nas cartas dos baralhos A e B, sendo os de maior risco, os participantes podiam ganhar dois pontos ou perder cinco, enquanto nas dos baralhos C e D, os de menor risco, podiam ganhar ou perder um só ponto.

A *assunção de riscos* (*risk taking*) foi medida através do cálculo da diferença entre o número de escolhas efetuadas nos baralhos vantajosos (C e D) e nos baralhos desvantajosos (A e B), com valores mais elevados a indicarem uma menor propensão para a assunção de risco (Tarantino et al., 2021). Ou seja, valores mais elevados espelham maior cautela perante opções potencialmente desvantajosas, refletindo a preferência por alternativas mais seguras, devendo ser igualmente interpretados como indicadores de maior aversão ao risco.

Subescala Ousadia da Triarchic Psychopathy Measure (TriPM)

Os níveis de *ousadia* foram avaliados através da versão portuguesa da subescala *Ousadia* da *Triarchic Psychopathy Measure* (TriPM; Vieira et al., 2014), administrada através da plataforma Qualtrics (Qualtrics XM, 2026). Esta é uma escala de autorrelato, concebida por Patrick e colaboradores (2009), da qual fazem parte 58 itens divididos em três subescalas: *malvadez* (*meaness*) com 19 itens; *desinibição* (*desinhibition*) com 20 itens; e *ousadia* (*boldness*) com 19 itens. A resposta a cada item é realizada numa escala de Likert de 4 pontos: "verdadeiro"; "moderadamente verdadeiro"; "moderadamente falso"; e "Falso". Assim, no caso da *Ousadia*, a pontuação varia entre um mínimo de 0 e um máximo de 57 pontos, com valores mais altos a representarem níveis de ousadia mais elevados.

A versão portuguesa mostrou boas propriedades psicométricas com um α de Cronbach total de .86 e um α de Cronbach de .82 para a *ousadia*, revelando ambos os coeficientes uma boa consistência interna. Adicionalmente, estudos de estabilidade temporal revelaram uma elevada fidelidade teste-reteste com r = .88 para a escala global e r = .85 para a subescala da *ousadia* (Paiva et al., 2020).

Procedimentos

Após parecer favorável da Comissão de Ética competente, foram estabelecidos contactos institucionais com duas corporações de Bombeiros Voluntários e uma CPCJ, tendo sido obtida autorização para a realização da recolha de dados nas respetivas instituições.

A constituição do grupo de controlo implicou igualmente a solicitação de autorização a duas empresas, uma de gestão de recursos humanos, e outra detentora de um ginásio. Em todos os contextos, a recolha de dados decorreu presencialmente, em espaços reservados e adequados à resposta ao questionário sociodemográfico, à subescala de *ousadia*, e à realização da tarefa experimental de tomada de decisão. Nas instalações dos bombeiros, da CPCJ e da empresa de RH, as sessões decorreram em salas silenciosas e sem estímulos distrativos. No caso do ginásio, embora se verificasse ocasionalmente algum ruído associado à circulação de utilizadores e ao funcionamento dos equipamentos, foram asseguradas condições consideradas adequadas para a participação no estudo. A participação foi sempre voluntária e não envolveu qualquer tipo de compensação monetária.

Antes do início da recolha de dados, todos os participantes receberam informação sucinta acerca dos objetivos gerais da investigação e dos procedimentos a realizar. De seguida, foram convidados a ler e assinar o consentimento informado, no qual se garantiu o anonimato, a confidencialidade dos dados recolhidos e o direito de desistir do estudo em qualquer momento, sem qualquer consequência ou prejuízo.

A recolha de dados seguiu um procedimento padronizado e foi integralmente realizada através do computador da investigadora. Após a assinatura do consentimento informado, os participantes preencheram o questionário sociodemográfico. Em seguida, responderam à subescala *Ousadia* da TriPM e posteriormente, realizaram a IGT. No final da tarefa, foram entregues aos participantes a quantidade de números correspondentes à pontuação obtida, após verificação dos respetivos resultados. A duração média da participação variou entre 15 e 20 minutos.

As análises estatísticas foram realizadas com recurso ao software JASP (versão 0.95.4). Para testar as hipóteses formuladas, foram conduzidas diferentes análises inferenciais. Em primeiro lugar, foi utilizado um teste *t* de Welch para comparar os níveis de *ousadia* entre o GPR e o GC, uma vez que o pressuposto de homogeneidade das variâncias não se verificou. Em seguida, foi realizado um teste *t* para amostras independentes com o objetivo de comparar os grupos relativamente à *aversão ao risco*. Para analisar a associação entre *ousadia* e *aversão ao risco*, recorreu-se a uma regressão linear simples. Por fim, para avaliar a evolução do desempenho ao longo dos cinco blocos da IGT e comparar essa evolução entre os dois grupos,

foi conduzida uma ANOVA mista de medidas repetidas, considerando o Grupo (GPR, GC) como fator interssujeitos e as pontuações de cada bloco (1, 2, 3, 4, 5) como fator intrassujeitos.

Em todas as análises foram avaliados os pressupostos estatísticos relevantes. A normalidade das distribuições foi examinada através do teste de Shapiro-Wilk, enquanto a homogeneidade das variâncias foi avaliada por meio do teste de Levene. Nos casos em que o pressuposto da normalidade não foi cumprido, manteve-se a análise baseada em testes paramétricos sempre que os valores de assimetria e curtose se encontravam dentro dos limites considerados aceitáveis, ($\geq |3|$ e $\geq |10|$, respetivamente) de acordo com as recomendações de Kline (2011), indicando que a violação da normalidade não assumia uma magnitude suficientemente grande para comprometer a robustez do resultados dos testes utilizados. Além disso, foram reportadas medidas de magnitude do efeito adequadas a cada análise, nomeadamente o *d* de Cohen, o coeficiente β estandardizado, o R^2 e o eta quadrado parcial ($\eta^2 p$).

Resultados

Testes estatísticos à H1: Participantes de profissões de riscos apresentam níveis mais elevados de ousadia e mais baixos de aversão ao risco.

Atendendo a que o teste de Levene indicou violação da homogeneidade das variâncias, $F(1, 79) = 4.06$, $p = .047$, aplicou-se o teste *t* de Welch para analisar as diferenças de ousadia entre os grupos.

Embora as estatísticas descritivas revelem pontuações mais elevadas de *ousadia* no GPR do que no GC (ver Tabela 2), esta diferença não foi estatisticamente significativa, $t(62.78) = -0.94$, $p = .176$, $d = -0.21$.

Tabela 2.
Estatísticas descritivas da variável Ousadia por grupo

Grupo	*n*	*M*	*DP*
GPR	46	32.50	5.66
GC	35	31.11	7.23

Nota. *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão; GPR = Grupo de profissionais de risco; GC = Grupo de controlo

Para comparar os níveis de aversão ao risco entre os grupos foi realizado um teste t para amostras independentes, entrando com a medida assunção de riscos da IGT como variável dependente. Apesar do teste de Shapiro-Wilk indicar uma violação da normalidade, $W = .936$, $p < .001$, os valores da assimetria (GPR = 1.00, GC = 0.76) e da curtose (GPR = 0.53, GC = 0.78) justificaram a opção

As estatísticas descritivas (ver Tabela 3) revelam que o GPR apresentou uma média superior à do GC na assunção de riscos, mas a diferença não foi estatisticamente significativa, $t(79) = -0.64$, $p = .738$, $d = -0.14$.

Tabela 3.
Estatísticas descritivas da variável Aversão ao risco por grupo

Grupo	*n*	*M*	*DP*

GPR	46	10.46	32.04
GC	35	5.74	33.93

Nota. *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão; GPR = Grupo de profissionais de risco; GC = Grupo de controlo

Assim, os resultados não confirmam a hipótese de que o GPR apresenta níveis superiores de *ousadia*, nem de *aversão ao risco* comparativamente com o GC.

Testes estatísticos à H2: Níveis mais elevados de ousadia predizem níveis mais baixos de aversão ao risco

Para testar se os níveis mais elevados de *ousadia* predizem níveis mais baixos de *aversão ao risco* foi realizada uma regressão linear simples, entrando com a pontuação da subescala *Ousadia* da TriPM como variável preditora e com a medida *assunção de riscos* como variável de resultado, tendo-se confirmado os pressupostos prévios à respetiva análise. O modelo de regressão não se revelou estatisticamente significativo, $F(1, 79) = 0.05$, $p = .826$, $R^2 = .001$, com a *Ousadia* a explicar menos de 0.1% da variância da *assunção de riscos*, $B = -0.13$, $EP = 0.58$, $\beta = -.03$, $t(79) = -0.22$, $p = .826$, IC 95% [-1.28, 1.02].

Desempenho dos grupos ao longo dos cinco blocos da IGT

Para analisar a variação dos níveis de *aversão ao risco* ao longo dos cinco blocos da tarefa IGT, foi realizada uma Anova Medidas Repetidas entrando com o Grup0o (GPR, GC) como variável interssujeitos, com o *Bloco* (1, 2, 3, 4, 5) como variável intrassujeitos e com a pontuação assunção de riscos como variável dependente.

As estatísticas descritivas, organizadas por grupo e por bloco da IGT, podem ser consultadas na Tabela 4.

Tabela 4.

Estatísticas descritivas dos níveis de Aversão ao risco dos participantes por bloco da IGT e por grupo

Nível	Grupo	*n*	*M*	*DP*
Bloco 1	GPR	46	-0.28	3.96

	GC	35	-2.17	5.81
Bloco 2	GPR	46	1.54	7.75
	GC	35	-0.66	7.56
Bloco 3	GPR	46	2.28	8.14
	GC	35	1.54	9.37
Bloco 4	GPR	46	3.48	8.82
	GC	35	2.43	8.35
Bloco 5	GPR	46	3.39	9.54
	GC	35	2.71	9.94

Nota. M = Média; *DP* = Desvio-padrão; GPR = Grupo de profissionais de risco; GC = Grupo de controlo

Dado que o teste de Mauchly revelou uma violação do pressuposto de esfericidade, $W = .470$, $\chi^2(9) = 58.41$, $p < .001$, aplicou-se a correção de Greenhouse-Geisser ($\varepsilon = .721$). Os demais pressupostos foram satisfeitos.

Encontrou-se um efeito principal de *Bloco*, $F(2.89, 227.90) = 8.97$, $p < .001$, $\eta^2p = .102$, mas não de Grupo $F(1, 79) = 0.82$, $p = .369$, $\eta^2p = .010$, nem de interação Grupo*Bloco, $F(2.89, 227.90) = 0.33$, $p = .799$, $\eta^2p = .004$, indicando que a variação da *assunção de riscos* dos participantes ao longo dos blocos da tarefa foi semelhantes em ambos os grupos.

As comparações post-hoc mostraram que as pontuações no Bloco 1 foram significativamente inferiores às do Bloco 3, $t(79) = -3.41$, $p = .008$, $d = 0.39$, do Bloco 4, $t(79) = -4.51$, $p < .001$, $d = 0.52$, e do Bloco 5, $t(79) = -3.93$, $p = .002$, $d = 0.53$. Mostraram ainda diferenças significativas entre o Bloco 2 e o Bloco 4, $t(79) = -3.21$, $p = .013$, $d = 0.31$. As restantes comparações não foram estatisticamente significativas.

Discussão

A literatura científica caracteriza a *ousadia* como um traço ou conjunto de traços da personalidade que se apresenta geralmente sob a forma de predisposição para correr riscos (Eysenck & Wilson, 1975 citado em Ciotti et al., 202; Lonmgman, 2003, cited in Ciotti et al., 2023; Wilson et al., 1994), descrevendo atitudes valentes (Ciotti et al., 2023) e um fenótipo de dominância social e resiliência emocional (Patrick et al., 2009) que concede tolerância face ao perigo e ao desconhecido. Assim, indivíduos com níveis elevados de *ousadia* tendem a manter a calma em situações de ameaça e a demonstrar maior propensão para se envolverem em atividades fisicamente perigosas (Benning et al., 2005). É, por isso, razoável pensar-se que existe uma relação entre ousadia e *aversão ao risco*. Esta última é descrita como um fenómeno racional, que leva as pessoas a escolherem as opções mais seguras, mesmo que o façam em detrimento das que, sendo mais arriscadas, representam maior utilidade esperada e que poderiam maximizar o lucro (Molins et al., 2022). Esta tendência torna-se especialmente evidente em condições de incerteza (Kornilova et al., 2018).

Apesar de profissões como as desempenhadas por bombeiros e técnicos da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) se caracterizarem pela exposição a níveis de risco elevados, grande pressão e perigo real, a literatura científica existente sobre este tema é escassa, desconhecendo-se a existência de estudos sobre a relação entre a *ousadia*, a *aversão ao risco* em condições de incerteza e processos de tomada de decisão em profissões nas quais o risco é uma componente central da atividade.

O presente estudo visou analisar a forma como a *ousadia* e a *aversão ao risco* se manifestam em profissionais cuja ocupação envolve um nível elevado de risco, influenciando potencialmente a tomada de decisão em condições de incerteza, comparativamente com profissionais que desempenham atividades de baixo risco. Neste sentido, foram testadas as seguintes hipóteses: (a) participantes de profissões de risco apresentam níveis mais elevados de ousadia e mais baixos de aversão ao risco do que participantes controlo; (b) níveis mais elevados de ousadia predizem níveis mais baixos de aversão ao risco.

Para alcançar o objetivo acima enunciado, constituiu-se uma amostra de 81 participantes adultos de ambos os sexos, dos quais 46 integraram o grupo de profissões de risco (GPR) e 35 o grupo controlo (GC). Todos os participantes responderam à subescala de ousadia da *Triarchic Psychopathy Measure* (TriPM) e realizaram a *Iowa Gambling Task* (IGT).

Ao contrário do esperado, os resultados não revelaram diferenças entre o grupo de participantes com profissões de risco e participantes controlo quanto a medidas de *ousadia* e de *aversão ao risco*, infirmando as predições deste estudo e contrariando resultados de estudos anteriores, nos quais profissionais de socorro obtiveram pontuações mais elevadas em medidas de *ousadia* (Patton et al., 2018). Estes resultados sugerem que os perfis de *ousadia* ou tendência para assumir comportamentos de risco não estão associados à profissão desempenhada, pelo menos no que respeita às investigadas neste estudo.

Uma possível explicação para estes resultados poderá estar relacionada com o efeito da desejabilidade social nas respostas à subescala da *ousadia* da TriPM, que não foi controlado. Além disso, enquanto característica potencialmente adaptativa, a *ousadia* poderá apresentar níveis mais elevados em subgrupos específicos de profissionais de risco, tais como profissionais de equipas de socorro e emergência, mas mais baixos em técnicos que trabalham noutros sectores sociais e comunitários, como é o caso das CPCJ, o que não foi discriminado neste estudo.

Relativamente à *aversão ao risco,* é importante ressalvar que parte dos participantes do GPR são treinados para realizar uma avaliação do cenário envolvente da emergência antes de intervir, procurando identificar potenciais ameaças, antecipar possíveis consequências e determinar as condições necessárias para uma atuação segura. Esta avaliação inicial poderá contribuir para uma maior consciência dos riscos presentes e para uma menor propensão para decisões precipitadas que possam comprometer a segurança da equipa, das vítimas ou do próprio profissional. Neste sentido, níveis mais elevados de *aversão ao risco* nestes profissionais, como as estatísticas descritivas parecem indiciar, não devem ser automaticamente interpretados como indicativos de uma menor tolerância ao risco. Pelo contrário, poderão refletir uma competência adaptativa associada à capacidade de reconhecer limites operacionais e evitar comportamentos arriscados, suscetíveis de agravar a situação, traduzindo-se numa orientação para estratégias de atuação que procuram minimizar a exposição desnecessária a ameaças adicionais e preservar as condições de segurança durante a intervenção, sem anular a exposição ao risco inerente à função.

Adicionalmente, os profissionais de risco poderão ser mais tolerantes a situações de perigo real, sem que esta característica se traduza numa menor aversão ao tipo de risco avaliado em tarefas como a aplicada neste estudo. A IGT é uma tarefa laboratorial representativa de um risco unimodal, sem contexto emocional real, distinto daquele experienciado no contexto profissional. Esta diferença poderá tornar os aspetos relacionados com a tomada de decisão e as possíveis consequências, cognitiva e emocionalmente mais salientes, conduzindo a maior

cautela (Weingarten et al., 2026). Assim, estes profissionais podem desenvolver estratégias de gestão de perigo que não se traduzem em menor *aversão ao risco* em tarefas laboratoriais, ou seja, os seus padrões de tomada de decisão em contexto experimental não são transferíveis nem generalizáveis ao contexto real em que atuam.

Contrariamente ao que a literatura sugere, os resultados deste estudo também não confirmam a *ousadia* como preditor significativo da *aversão ao risco*. Embora a generalidade dos modelos teóricos aponte no sentido de indivíduos com níveis superiores de *ousadia* tenderem a assumir mais riscos, este estudo não confirma uma relação linear entre estes dois construtos. A ausência de uma relação significativa pode ser explicada, em parte, pela natureza distinta dos dois construtos e pela especificidade dos instrumentos utilizados para a sua avaliação. A *ousadia* é um traço de personalidade com envolvência emocional e com tradução no contexto social, enquanto a IGT é uma tarefa de aprendizagem probabilística, baseada na avaliação de risco económico em contexto controlado. Assim, a relação entre a ousadia e a *aversão ao risco* poderá depender do contexto em que o risco é avaliado. Ademais, as características da amostra de profissionais de risco, circunscrita apenas a bombeiros e técnicos de uma CPCJ, poderá ter limitado a variabilidade necessária para encontrar relações estatisticamente significativas entre os construtos.

De forma consistente com a literatura sobre a IGT, os resultados mostraram existir uma progressão no desempenho dos participantes ao longo dos cinco blocos da tarefa, não existindo, contudo, diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. A generalidade dos participantes, independentemente do grupo a que pertenciam, mostrou um padrão de aprendizagem semelhante, caracterizado por uma exploração inicial das condições de tomada de decisão com redução gradual das escolhas desvantajosas e maior sensibilidade ao *feedback* nos blocos finais da tarefa. Este padrão revelou que os participantes de ambos os grupos desenvolveram estratégias de decisão progressivamente mais adaptativas ao longo da realização da tarefa.

De um modo geral, os resultados do presente estudo contribuem para a compreensão teórica da relação entre a *ousadia* e os comportamentos de tomada de decisão em condições de incerteza. Embora as hipóteses formuladas não tenham sido confirmadas, a ausência de efeitos estatisticamente significativos é em si mesma teoricamente relevante, na medida em que aponta para uma distinção concetual entre *ousadia* e *aversão ao risco*. A ausência de relação entre estes construtos sugere, assim, que a presença de características associadas à ousadia pode não se traduzir necessariamente numa maior propensão para correr riscos, pelo menos de natureza

económica, apoiando a ideia de uma relativa independência entre traços personalísticos e preferências económicas, como demonstrado por Schröder e Freedman (2020).

A ausência de diferenças estatisticamente significativas entre o grupo de participantes com profissões de risco e o grupo de controlo e sugere que não se pode assumir que os profissionais de risco possuem níveis de *ousadia* mais elevados ou níveis mais baixos de *aversão ao risco*. Estes resultados apontam para a necessidade de uma avaliação psicológica individualizada e multidimensional destes profissionais, evitando a procura de um perfil psicológico uniforme e "ideal" para estas profissões, por exemplo no âmbito dos processos de recrutamento e seleção.

Embora a literatura concetualize a *ousadia* como uma dimensão adaptativa da personalidade, associada à capacidade de alguns indivíduos ascenderem a altos cargos na sociedade (Patrick et al., 2009) e reconhecendo o seu potencial adaptativo igualmente em contextos de perigo (Patrick & Drislane, 2015), os resultados do presente estudo sugerem que a *ousadia* não substitui a capacidade cognitiva de avaliação de risco e sensibilidade ao feedback. Estes resultados não diminuem, porém, a importância da ousadia em contextos operacionais, nos quais poderá continuar a desempenhar um papel adaptativo.

Apesar do rigor metodológico que se procurou garantir, este estudo apresenta algumas limitações, nomeadamente a amostragem por conveniência. A seleção dos participantes foi feita em contextos de maior acessibilidade, não tendo sido possível garantir uma amostra totalmente aleatória, nem alargada a participantes de outras profissões de risco, tais como forças e serviços de segurança, militares, praticantes de desportos radicais, praticantes de desportos de combate, entre outros. Esta opção metodológica limita a generalização dos resultados, uma vez que os participantes poderão não representar adequadamente as características da população que exerce atividade em profissões de risco. Assim, a interpretação dos resultados deve ser realizadas com cautela, especialmente tendo em consideração as características das amostras investigadas. Importa ressalvar que o grupo de profissionais de risco foi constituído por bombeiros e técnicos de uma CPCJ que, embora exerçam profissões com elevada exigência e exposição ao risco, não representam a diversidade de profissões onde o risco é mais recorrente e intrínseco. A inclusão de participantes deste tipo de profissões poderá acrescentar variabilidade nos níveis de *ousadia* e *aversão ao risco*, e favorecer a identificação de associações entre os construtos.

Outra limitação diz respeito à distribuição dos participantes em função do sexo, verificando-se uma maior representação do sexo masculino em comparação com o feminino. Embora não tenham sido encontradas diferenças estatisticamente significativas associadas a

esta variável, este desfasamento poderá ter influenciado os resultados que podem variar em função do género, designadamente no que diz respeito à *ousadia* e à *aversão ao risco* (Harrati, 2014).

Por fim, a natureza laboratorial da IGT implica que a tomada de decisão decorra em ambiente experimental controlado, com consequências simbólicas que não envolvem risco real. Para profissionais habituados a decisões com elevado impacto pessoal e social, é possível que os padrões de tomada de decisão desenvolvidos em contexto profissional não tenham sido totalmente reproduzidos durante a realização da tarefa experimental. Assim, a IGT poderá ter permitido captar apenas parte do processo de tomada de decisão destes profissionais, limitando a validade ecológica dos resultados.

Consideradas as limitações acima, no que concerne a investigações futuras seria importante considerar um leque mais amplo de profissões de risco, recrutando, por exemplo, profissionais da Guarda Nacional Republicana (GNR), Polícia de Segurança Pública (PSP), forças armadas, enfermeiros do Instituto Nacional de Emergência Médica (INEM) e, até, atletas de desportos radicais ou de combate. Poderá também ser pertinente incluir tarefas experimentais de tomada de decisão baseadas em simulações virtuais, por forma a aproximar os cenários experimentais daqueles vividos pelos profissionais de risco, aumentando a validade ecológica da medida de tomada de decisão. Será igualmente relevante incluir indicadores fisiológicos durante a(s) tarefa(s) de tomada de decisão, para perceber as respostas psicobiológicas ao risco e à incerteza. Embora os profissionais de risco não tenham apresentado níveis significativamente superiores de ousadia, poderão, por exemplo, apresentar menor reatividade fisiológica em situações de risco, o que seria coerente com a literatura sobre este construto. Finalmente, poderá ser interessante incluir protocolos de reflexão falada durante a(s) tarefa(s) de tomada de decisão, possibilitando a análise de eventuais diferenças nas estratégias de tomada de decisão adotadas pelos participantes e que não são captadas por métricas de desempenho como as aqui consideradas.

Em suma, este estudo procurou colmatar uma lacuna na literatura relativa à ausência de estudos que relacionem a *ousadia* e a *aversão ao risco* na tomada de decisão em indivíduos que exercem profissões caracterizadas por elevados níveis de risco. Mesmo não tendo sido encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os profissionais de risco e participantes controlo quanto às variáveis em estudo, nem uma relação significativa entre *ousadia* e *aversão ao risco*, os resultados do presente estudo poderão constituir um ponto de partida para futuras investigações e contribuir, na sequência das mesmas, para o

desenvolvimento de práticas de avaliação mais individualizadas e ajustadas às exigências específicas destas profissões.

Conclusões finais

O presente estudo teve como objetivo analisar a relação entre a *ousadia* e a *aversão ao risco,* designadamente através da tomada de decisão em condições de incerteza, comparando participantes de profissões de risco (bombeiros e técnicos da CPCJ), com participantes controlo, que desempenham profissões de baixo risco. Procurou-se, deste modo, compreender de que forma estes construtos se manifestam em profissionais cuja ocupação integra o risco como uma componente estrutural da atividade.

Os resultados obtidos revelam que apesar de os participantes de profissões de risco apresentarem níveis ligeiramente superiores de *ousadia*, em consonância com a literatura sobre este construto, e, ao contrário do esperado, apresentarem níveis ligeiramente superiores *de aversão ao risco*, estas diferenças não se revelaram estatisticamente significativas, pelo que não confirmam as hipóteses formuladas a este propósito.

Do mesmo modo, os resultados demonstram que a *ousadia* não se revela um preditor significativo da *aversão ao risco*, contrariando a expectativa teórica de que os indivíduos mais ousados tenderiam a assumir comportamentos de maior propensão para o risco.

Na tarefa experimental, a evolução do desempenho dos participantes seguiu o padrão típico de aprendizagem ao longo dos blocos da IGTm i.e., decisões mais arriscadas no início e menos arriscadas nos blocos finais. No entanto, não foram observadas diferenças significativas entre os grupos, sugerindo que o elevado ou baixo risco das profissões desempenhadas não se associa de forma significativa ao desempenho dos participantes nesta tarefa.

Apesar da ausência de resultados estatisticamente significativos, este estudo oferece contributos relevantes para o corpo de conhecimento na área, uma vez que reforça a distinção concetual entre traços de personalidade, como a *ousadia*, e comportamentos de risco económico, condizendo com a literatura que defende que estes construtos não estão significativamente correlacionados. Além disso, evidencia que a tomada de decisão envolvendo risco sob condições de incerteza é influenciada por múltiplos fatores. As características individuais estão entre esses fatores, mas explicar estes comportamentos apenas através de traços de personalidade pode mostrar-se insuficiente. Por fim, ao testar empiricamente construtos psicológicos relevantes para o desempenho em contextos profissionais exigentes, este estudo contribui para a investigação aplicada sobre profissões de risco, um campo ainda pouco explorado.

O presente estudo apresenta, porém, algumas limitações que devem ser tidas em consideração na interpretação dos resultados: (a) recorreu-se a uma amostra de conveniência; (b) o número de participantes do sexo masculino e do sexo feminino não estava balanceado; (c) a amostra teve uma composição pouco diversificada quanto ao tipo de profissões de risco; (d) a tarefa experimental pode ter uma validade ecológica insuficiente. Estas limitações reforçam, em particular, a necessidade de investigações futuras recorrerem a amostras mais diversificadas e a tarefas com maior validade ecológica.

Em investigações futuras, será relevante expandir o grupo de profissões de risco, incluindo outras categorias de profissionais como elementos da GNR, da PSP e do INEM, entre outras. Esta abordagem permitirá comparar de forma mais ampla diferentes perfis psicológicos em contextos profissionais de risco. Será igualmente benéfica a utilização de tarefas baseadas em simulações virtuais de cenários operacionais realistas, contribuindo para aumentar a validade ecológica das medidas de tomada de decisão envolvendo um certo risco em condições de incerteza e aproximando-as das exigências reais enfrentadas por estes profissionais. A integração de medidas fisiológicas poderá complementar as medidas de tomada de decisão por forma a ser possível uma avaliação mais abrangente da reatividade perante situações de risco. Finalmente, a adoção de abordagens qualitativas, como os protocolos de reflexão falada, poderá contribuir para uma compreensão mais profunda dos processos subjacentes à tomada de decisão envolvendo risco em situações de incerteza.

Concluindo, embora as hipóteses inicialmente formuladas não tenham sido confirmadas, o presente estudo contribui para a compreensão da tomada de decisão em condições de incerteza em profissionais cuja atividade tem o risco como componente central. Os resultados sugerem que a exposição profissional ao risco não se traduz necessariamente em padrões distintos de comportamento de tomada de decisão em tarefas laboratoriais e que a *ousadia*, enquanto possível traço adaptativo, pode não influenciar diretamente a *aversão ao risco*. Por conseguinte, este estudo constitui um ponto de partida para novas investigações acerca de profissionais cuja atividade profissional é marcada pela exposição ao risco, contribuindo para a compreensão dos fatores psicológicos envolvidos na tomada de decisão em contextos profissionais exigentes.

Referências bibliográficas

Bechara, A., Damasio, A. R., Damasio, H., & Anderson, S. W. (1994). Insensitivity to future consequences following damage to human prefrontal cortex. *Cognition, 50*(1-3), 7-15. https://doi.org/10.1016/0010-0277(94)90018-3

Benning, S. D., Patrick, C. J., Blonigen, D. M., Hicks, B. M., & Iacono, W. G. (2005). Estimating facets of psychopathy from normal personality traits: A step toward community epidemiological investigations. *Assessment, 12*(1), 3-18. https://dx.doi.org/10.1177/1073191104271223

Bernoulli, D. (1954). Exposition of a new theory on the measurement of risk. *The econometric society, 22*(1), 23-36. https://doi.org/10.2307/1909829

Blonigen, D. M., Hicks, B. M., Krueger, R. F., Patrick, C. J., & Iacono, W. G. (2005). Psychopathic personality traits: heritability and genetic overlap with internalizing and externalizing psychopathology. *Psychological Medicine, 35*(5), 637-648. https://dx.doi.org/10.1017/S0033291704004180

Burgos, A., Grant, S., & Kajii, A. (2002). Corrigendum to "bargaining and boldness*". Games and Economic Behavior, 41*(1), 165-168. https://dx.doi.org/10.1016/S0899-8256(02)00017-9

Ciotti, R., Machado, N. S., Machado, H. P., & Teston, S. F. (2023). Ousadia e audácia no campo do empreendedorismo: compreensões a partir da literatura. *Future Studies Research Journal: Trends and Strategies, 15*(1), 1-22. https://doi.org/10.24023/FutureJournal/2175-5825/2023.v15i1.709

Costa, P., & McCrae, R. (1992). Neo PI-R professional manual. *Psychological Assessment Resources*, *396* 223-256. https://www.researchgate.net/publication/240133762_NEO_PI-R_profession_manual

Fanti, K. A., Kyranides, M. N., Drislane, L. E., Colins, O. F., & Andershed, H. (2016). Validation of the greek cypriot translation of the triarchic psychopathy measure. *Journal of Personality Assessment, 98*(2), 146-154. https://doi.org/10.1080/00223891.2015.1077452

Hall, J. R., Benning, S. D., & Patrick, C. J. (2004). Criterion-related validity of the three-factor model of psychopathy. *Assessment, 11*(1), 4-16. https://dx.doi.org/10.1177/1073191103261466

Harrati, A. (2014). Characterizing the genetic influences on risk aversion. *Biodemography and Social Biology, 60*(2), 185-198. https://doi.org/10.1080/19485565.2014.951986

Hu, M., Don, H. J., & Worthy, D. A. (2025). Distributional dual-process model predicts strategic shifts in decision-making under uncertainty. *Communications Psychology, 3*, Article 61. https://doi.org/10.1038/s44271-025-00249-y

JASP Team. (2025). *JASP (Version 0.95.4)* [Computer sotware]. https://jasp-stats.org/download/

Kahneman, D., & Tversky, A. (1979). Prospect theory: an analysis of decision under risk. *Econometrica: The econometric society, 47*(2), 263-292. https://doi.org/10.2307/1914185

Kline, R. B. (2011). *Principles and practice of structural equation modeling* (3rd ed.). Guilford Press.

Kornilova, T. V., Chumakova, M. A., & Kornilov, S. A. (2018). Tolerance and intolerance for uncertainty as predictores of decision making and risk acceptance in gaming strategies of the iowa gambling task. *Psychology in Russia: State of the Art, 11*(3), 86-95. https://dx.doi.org/10.11621/pir.2018.0306

Lykken, D. T. (1957). A study of anxiety in the sociopathic personality. *The Journal of Abnormal and Social Psychology, 55*(1), 6–10. https://doi.org/10.1037/h0047232

Lilienfeld, S. O. & Andrews, B. P. (1996). Development and preliminary validation of a self-report measure of psychopathic personality traits in noncriminal populations. *Journal of personality assessment, 66*(3), 488-524. http://dx.doi.org/10.1207/s15327752jpa6603_3

Molins, F., Sahin, F., & Serrano, M. A. (2022). The genetics of risk aversion: a systematic review. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 19*(21). https://doi.org/10.3390/ijerph192114307

Paiva, T. O., Pasion, R., Patrick, C. J., Moreira, D., Almeida, P. R., & Barbosa, F. (2020). Further evaluation of the triarchic psychopathy measure: evidence from community adult and

prisioner samples from Portugal. *Psychological Assessment, 32*(3), 1-14. http://dx.doi.org/10.1037/pas0000797

Patrick, C. J., & Drislane, L. E. (2015). Triarchic model of psychopathy: origins, operationalizations, and observed linkages with personality and general psychopathology. *Journal of Personality, 83(*6), 627-643. https://dx.doi.org/10.1111/jopy.12119

Patrick, C. J., Fowles, D. C., & Krueger, R. F. (2009). Triarchic conceptualization of psychopathy: Developmental origins of disinhibition, boldness, and meanness. *Development and Psychopathology, 21*(3), 913-938. https://dx.doi.org/10.1017/S0954579409000492

Patton, C. L., Smith, S. F., & Lilienfeld, S. O. (2018). Psychopathy and heroism in first responders: traits cut from the same cloth? *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment, 9*(4), 354-368. https://doi.org/10.1037/per0000261

Poy, R., Segarra, P., Esteller, À., López, R., & Moltó, J. (2014). FFM description of the triarchic conceptualization of psychopathy in men and women. *Psychological Assessment*, *26*(1), 69-76. https://dx.doi.org/10.1037/a0034642

Qualtrics. (2026). *Qualtrics XM plataform*. https://www.qualtrics.com/pt-br/

Rabin, M., & Thaler, R. H. (2001). Anomalies: Risk Aversion. *Journal of Economic Perspectives, 15*(1), 219-232. 10.1257/jep.15.1.219Rogeri, N., Meireles, M., Sanches, C., Ferreira, S., & Marietto, M. (2020). Proposal of artifact to measure degree of boldness in business social actors. *Brazilian Administration Review, 17*(1), 1-23. https://doi.org/10.1590/1807-7692bar2020190033

Schröder, D., & Freedman, G. (2020). Decision making under uncertainty: the relation between economic preferences and psychological personality traits. *Theory and Decision, 89*(1), 61-83. https://doi.org/10.1007/s11238-019-09742-3

Sokol-Hesser, P., Camerer, C. F., & Phelps, E. A. (2013). Emotion regulation reduces loss aversion and decreases amygdala responses to losses. *Social Cognitive and Affective Neuroscience, 8*(3), 341-350. https://dx.doi.org/10.1093/scan/nss002Stanley, J., Wygant, D. B., & Sellbom, M. (2013). Elaborating on the construct validity of the triarchic psychopathy measure in a criminal offender sample. *Jounal of Personality Assessment, 95*(4), 343-350. https://doi.org/10.1080/00223891.2012.735302

Starcke, K., & Brand, M. (2012). Decision making under stress: A selective review. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, *36*(4), 1228-1248. https://dx.doi.org/10.1016/j.neubiorev.2012.02.003

Stoet, G. (2017). PsyToolkit: A novel web-based method for running online questionnaires and reaction-time experiments. *Teaching of Psychology, 44(1)*, 24-31. https://doi.org/10.1177/0098628316677643

Stoet, G. (2010). PsyToolkit - A software package for programming psychological experiments using Linux. *Behavior Research Methods, 42(4)*, 1096-1104. https://doi.org/10.3758/BRM.42.4.1096

Tarantino, V., Tasca, I., Hiannetto, N., Mangano, G. R., Turriziani, P., & Oliveri, M. (2021). Impact of perceived stress and immune status on decion-making abilities during COVID-19 pandemic lockdown. *Behavioral Sciences, 11*(12), 1-14. https://doi.org/10.3390/bs11120167

Vieira, J. B., Almeida, P. R., Ferreira-Santos, F., Moreira, P. S., Barbosa, F., & Marques-Teixeira, J. (2014). The Triarchic Psychopathy Measure (TriPM): Translation and adaptation to European Portuguese (LabReport No. 6). *Porto: Laboratory of Neuropsychophysiology (University of Porto)*. Retirado de: https://hdl.handle.net/10216/85346

Wilson, D., Clark, A., Coleman, K., & Dearstyne, T. (1994). Shyness and boldness in humans and other animals. *Tree, 9*(11), 442–446. https://doi.org/10.1016/0169-5347(94)90134-1

Weingarten, E., Rottenstreich, Y., & Wu, G. (2026). Risk matters less when options are apples-to-organes: The translate-and-accommodate model. *Psychological Review*, 1-23. https://doi.org/10.1037/rev0000633

Yancey, J., Bowyer, C., Roberts, K., Jones, D., Joyner, K., Foell, J., McGlade, E., Yurgelun-Todd, D., Boot, W., & Patrick, C. (2022). Boldness moderates cognitive performance under acute threat: evidence from a task-switching paradigm involving cueing for shock. *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance, 48*(6), 549-562. https://doi.org/10.1037/xhp0000995

Anexos

Anexo A – Consentimento informado para o GC

Laboratorio de Neuropsicofisiologia
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto
R. Alfredo Allen, 4200-135 Porto
(+351) 22 607 9700 • E-mail: labnpf@fpce.up.pt

Laboratory of Neuropsychophysiology

Termo de Consentimento Informado para Participantes

Designação do estudo: Estudo da ousadia e aversão ao risco em profissionais de segurança e proteção.

Investigadora responsável: Mariana Ferreira

Este documento tem como objetivo fornecer informação sobre o estudo para o qual foi convidado a participar. Este estudo está a ser conduzido pelo Laboratório de Neuropsicofisiologia da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto e teve parecer favorável da Comissão de Ética da mesma Faculdade.

Antes de decidir participar, poderá fazer todas as perguntas que quiser, de forma a compreender os aspetos do estudo que achar importantes. Pode levar este documento, consultá-lo em qualquer altura e levar o tempo que necessitar para decidir participar ou não.

Qual é o objetivo do estudo?

O objetivo deste estudo consiste em investigar a relação entre a ousadia, enquanto característica de personalidade, e a aversão ao risco em pessoas com diferentes tipos de profissões. Especificamente, pretende-se avaliar se esta relação difere entre os profissionais cujas ocupações envolvem maior risco e aqueles com profissões de menor risco.

Em que consiste a minha participação?

A sua participação neste estudo é completamente voluntária. Se aceitar participar e mudar de ideias pode desistir do estudo a qualquer momento, sem ter de dar explicações e sem que isso possa trazer-lhe quaisquer consequências negativas, não obstante as limitações inerentes à submissão do questionário que melhor explicamos no campo «como serão tratados os meus dados neste estudo?».

A sua participação consiste no preenchimento de questionários em formato digital através de um computador no laboratório, iniciando com um breve questionário para recolher os seus dados sociodemográficos. Estes questionários irão incluir questões sobre o seu comportamento e a sua perspetiva sobre si próprio. Além disso, irá realizar uma tarefa de tomada de decisão igualmente em formato digital.

Todos os procedimentos são seguros e não se conhecem riscos acrescidos para a saúde, com exceção de algum cansaço ocasional devido à realização das tarefas.

A recolha de dados tem uma duração de cerca de 60 minutos, podendo variar em função do ritmo de cada um.

Tenho algum benefício em participar?

No fim da realização da tarefa experimental irá receber números que lhe permitem participar no sorteio de um prémio, ainda por definir. Os benefícios gerais da sua participação são a melhor compreensão dos processos inerentes à tomada de decisão dos profissionais em situações de risco, o que poderá ajudar a melhorar o seu recrutamento e formação e a desenvolver estratégias de apoio psicológico, melhorando a sua capacidade de decisão sob pressão.

Os resultados deste estudo serão publicados e divulgados?

Os dados recolhidos irão ser utilizados, de forma anónima, no âmbito de uma dissertação de mestrado e poderão ser utilizados, de forma igualmente anónima, para: apresentação em congressos científicos e

Laboratorio de Neuropsicofisiologia
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto
R. Alfredo Allen, 4200-135 Porto
(+351) 22 607 9700 • E-mail: labnpf@fpce.up.pt

Laboratory of Neuropsychophysiology

eventos afins; publicação em revistas científicas; disponibilização em arquivos de dados de investigação científica em regime de acesso privado ou aberto; dissertações, teses ou outros trabalhos de investigação que possam vir a estar relacionados com este estudo. Em qualquer dos casos, só serão publicados resultados de grupo, que não permitirão identificá-lo.

Há interesses económicos neste estudo?

Não há interesses económicos nem fins lucrativos subjacentes a esta investigação.

Como serão tratados os meus dados neste estudo?

Os dados serão recolhidos de forma anónima, não sendo solicitada qualquer informação que permita a identificação direta dos participantes, como nome, contactos, ou elementos identificativos. Serão recolhidos apenas dados sociodemográficos, e o acesso às respostas individuais será restrito exclusivamente à equipa de investigação do estudo.

Nestes termos, considera-se que não ocorre tratamento de dados pessoais, nos termos do artigo 4.º, n.º1 do RGPD, sendo o regulamento inaplicável, conforme o disposto no artigo 2.º, n.º 1 e no considerando 26 do RGPD, por se tratar de dados anónimos de forma irreversível.

Por essa razão, após a submissão do questionário, não será possível tecnicamente assegurar o exercício posterior dos direitos de retificação ou eliminação.

Os termos de consentimento serão conservados até à defesa da dissertação de mestrado, que se prevê que ocorra até julho de 2026, sendo posteriormente eliminados de forma segura. Os restantes dados recolhidos serão conservados de forma devidamente anonimizada, deixando, por esse motivo, de se qualificarem como dados pessoais, não se encontrando, assim, sujeitos à aplicação do Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados (RGPD).

Como se protege a confidencialidade dos meus dados?

A confidencialidade é assegurada através da recolha e armazenamento anónimo dos dados, aos quais apenas a equipa de investigação terá acesso. Em caso de publicação ou divulgação dos resultados do estudo, os dados serão sempre apresentados de forma agregada, não sendo incluída qualquer informação que permita a identificação dos participantes.

Quem poderá dar-me mais informações?

Para qualquer esclarecimento adicional, poderá contactar a investigadora responsável, através do seguinte endereço e-mail: up202000443@fpce.up.pt.

Se assim o desejar, poderá ter acesso aos resultados globais deste estudo, mediante solicitação para o mesmo e-mail. No entanto, uma vez que os dados são tratados de forma anónima, não será possível fornecer resultados individuais.

Muito obrigada pela sua participação!

Laboratorio de Neuropsicofisiologia
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto
R. Alfredo Allen, 4200-135 Porto
Tel. (+351) 22 607 9700 • E-mail: labnpf@fpce.up.pt



DECLARAÇÕES DE CONSENTIMENTO INFORMADO

☐ Li o termo de consentimento informado que me foi entregue, e pude esclarecer com o(a) investigador(a) as dúvidas que tinha sobre o estudo, pelo que considero que recebi informação suficiente para uma participação informada.

☐ **Compreendo que a minha participação é voluntária e que posso desistir do estudo a qualquer momento, sem ter de dar explicações e sem que isso possa trazer-me quaisquer consequências negativas.**

☐ Aceito que se utilizem os meus dados nas condições descritas no termo de consentimento ao participante.

☐ Dou livremente o meu consentimento para participar no estudo.

☐ Compreendo que posso solicitar, por e-mail, os resultados globais deste estudo, mas a anonimização dos dados após a recolha, impossibilita a retificação, eliminação ou fornecimento dos meus dados ou resultados individuais.

Participante:
_____

Investigador(a):
_____

Anexo B – Consentimento informado para o GPR

Laboratorio de Neuropsicofisiologia
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto
R. Alfredo Allen, 4200-135 Porto
Tel. (+351) 22 607 9700 • E-mail: labnpf@fpce.up.pt



Termo de Consentimento Informado para Participantes

Designação do estudo: Estudo da ousadia e aversão ao risco em profissionais de segurança e proteção.

Investigadora responsável: Mariana Ferreira

Este documento tem como objetivo fornecer informação sobre o estudo para o qual foi convidado a participar. Este estudo está a ser conduzido pelo Laboratório de Neuropsicofisiologia da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto e teve parecer favorável da Comissão de Ética da mesma Faculdade.

Antes de decidir participar, poderá fazer todas as perguntas que quiser, de forma a compreender os aspetos do estudo que achar importantes. Pode levar este documento, consultá-lo em qualquer altura e levar o tempo que necessitar para decidir participar ou não.

Qual é o objetivo do estudo?

O objetivo deste estudo consiste em investigar a relação entre a ousadia, enquanto característica de personalidade, e a aversão ao risco em pessoas com diferentes tipos de profissões. Especificamente, pretende-se avaliar se esta relação difere entre os profissionais cujas ocupações envolvem maior risco e aqueles com profissões de menor risco.

Em que consiste a minha participação?

A sua participação neste estudo é completamente voluntária. Se aceitar participar e mudar de ideias pode desistir do estudo a qualquer momento, sem ter de dar explicações e sem que isso possa trazer-lhe quaisquer consequências negativas, não obstante as limitações inerentes à submissão do questionário que melhor explicamos no campo «como serão tratados os meus dados neste estudo?».

A sua participação consiste no preenchimento de questionários em formato digital através de um computador no laboratório ou nas instituições das forças de segurança e proteção, iniciando com um breve questionário para recolher os seus dados sociodemográficos. Estes questionários irão incluir questões sobre o seu comportamento e a sua perspetiva sobre si próprio. Além disso, irá realizar uma tarefa de tomada de decisão igualmente em formato digital.

Todos os procedimentos são seguros e não se conhecem riscos acrescidos para a saúde, com exceção de algum cansaço ocasional devido à realização das tarefas.

A recolha de dados tem uma duração de cerca de 60 minutos, podendo variar em função do ritmo de cada um.

Tenho algum benefício em participar?

No fim da realização da tarefa experimental irá receber números que lhe permitem participar no sorteio de um prémio, ainda por definir. Os benefícios gerais da sua participação são a melhor compreensão dos processos inerentes à tomada de decisão dos profissionais em situações de risco, o que poderá ajudar a melhorar o seu recrutamento e formação e a desenvolver estratégias de apoio psicológico, melhorando a sua capacidade de decisão sob pressão.

Os resultados deste estudo serão publicados e divulgados?

Os dados recolhidos irão ser utilizados, de forma anónima, no âmbito de uma dissertação de mestrado e poderão ser utilizados, de forma igualmente anónima, para: apresentação em congressos científicos e

Laboratorio de Neuropsicofisiologia
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto
R. Alfredo Allen, 535, 4200-135 Porto
Tel: (+351) 22 607 9700 • E-mail: labnpf@fpce.up.pt

Laboratory of Neuropsychophysiology

eventos afins; publicação em revistas científicas; disponibilização em arquivos de dados de investigação científica em regime de acesso privado ou aberto; dissertações, teses ou outros trabalhos de investigação que possam vir a estar relacionados com este estudo. Em qualquer dos casos, só serão publicados resultados de grupo, que não permitirão identificá-lo.

Há interesses económicos neste estudo?

Não há interesses económicos nem fins lucrativos subjacentes a esta investigação.

Como serão tratados os meus dados neste estudo?

Os dados serão recolhidos de forma anónima, não sendo solicitada qualquer informação que permita a identificação direta dos participantes, como nome, contactos, ou elementos identificativos. Serão recolhidos apenas dados sociodemográficos, e o acesso às respostas individuais será restrito exclusivamente à equipa de investigação do estudo.

Nestes termos, considera-se que não ocorre tratamento de dados pessoais, nos termos do artigo 4.º, n.º1 do RGPD, sendo o regulamento inaplicável, conforme o disposto no artigo 2.º, n.º 1 e no considerando 26 do RGPD, por se tratar de dados anónimos de forma irreversível.

Por essa razão, após a submissão do questionário, não será possível tecnicamente assegurar o exercício posterior dos direitos de retificação ou eliminação.

Os termos de consentimento serão conservados até à defesa da dissertação de mestrado, que se prevê que ocorra até julho de 2026, sendo posteriormente eliminados de forma segura. Os restantes dados recolhidos serão conservados de forma devidamente anonimizada, deixando, por esse motivo, de se qualificarem como dados pessoais, não se encontrando, assim, sujeitos à aplicação do Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados (RGPD).

Como se protege a confidencialidade dos meus dados?

A confidencialidade é assegurada através da recolha e armazenamento anónimo dos dados, aos quais apenas a equipa de investigação terá acesso. Em caso de publicação ou divulgação dos resultados do estudo, os dados serão sempre apresentados de forma agregada, não sendo incluída qualquer informação que permita a identificação dos participantes.

Quem poderá dar-me mais informações?

Para qualquer esclarecimento adicional, poderá contactar a investigadora responsável, através do seguinte endereço e-mail: up202005443@fpce.up.pt.

Se assim o desejar, poderá ter acesso aos resultados globais deste estudo, mediante solicitação para o mesmo e-mail. No entanto, uma vez que os dados são tratados de forma anónima, não será possível fornecer resultados individuais.

Muito obrigada pela sua participação!

Laboratorio de Neuropsicofisiologia
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto
R. Alfredo Allen, 535, 4200-135 Porto
Tel: (+351) 22 607 9700 • E-mail: labnpf@fpce.up.pt

Laboratory of Neuropsychophysiology

DECLARAÇÕES DE CONSENTIMENTO INFORMADO

☐ Li o termo de consentimento informado que me foi entregue, e pude esclarecer com o(a) investigador(a) as dúvidas que tinha sobre o estudo, pelo que considero que recebi informação suficiente para uma participação informada.

☐ **Compreendo que a minha participação é voluntária e que posso desistir do estudo a qualquer momento, sem ter de dar explicações e sem que isso possa trazer-me quaisquer consequências negativas.**

☐ Aceito que se utilizem os meus dados nas condições descritas no termo de consentimento ao participante.

☐ Dou livremente o meu consentimento para participar no estudo.

☐ Compreendo que posso solicitar, por e-mail, os resultados globais deste estudo, mas a anonimização dos dados após a recolha, impossibilita a retificação, eliminação ou fornecimento dos meus dados ou resultados individuais.

Participante:
_____

Investigador(a):
_____

Anexo C – Questionário sociodemográfico

Caro(a) participante,

Conforme indicado no Termo de Consentimento Informado disponibilizado, este trata-se do questionário sociodemográfico, o qual se encontra implementado na plataforma gerida pela Qualtrics, ao abrigo da licença subscrita pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. A plataforma de recolha de dados está alojada em servidores seguros, não sendo recolhido o endereço IP dos participantes.

A sua participação é voluntária, podendo desistir do estudo a qualquer momento, sem que daí resulte qualquer prejuízo. Informamos que o anonimato é plenamente assegurado, não sendo recolhido qualquer dado que permita a identificação direta ou indireta da pessoa respondente. As respostas serão descarregadas da plataforma para o computador da investigadora responsável e analisadas de forma agregada, em conjunto com as respostas dos restantes participantes.

A informação será tratada de forma confidencial e conservada apenas pelo período estritamente necessário ao cumprimento das finalidades que motivaram a sua recolha e utilizada exclusivamente para fins académicos e de divulgação científica. Em apresentações ou publicações futuras, será partilhado apenas um resumo dos resultados globais, não sendo divulgada qualquer informação individual. Todos os dados serão armazenados de forma segura, em equipamento protegido por palavra-passe, em conformidade com as recomendações éticas aplicáveis, sendo posteriormente eliminados de forma definitiva.

→

Vamos recolher algumas informações sociodemográficas.

→

Indique, por favor, a sua idade:

Indique, por favor, o seu sexo:

- Feminino
- Masculino
- Outro

Indique, por favor, a(s) sua(s) nacionalidade(s):

Indique, por favor, o seu nível de escolaridade vertical. Entenda por escolaridade vertical o número de anos de ensino completados com sucesso, mesmo tendo repetido algum ano (por exemplo, se completou o 9º ano de escolaridade mesmo tendo tido alguma reprovação, a sua escolaridade vertical é 9).

→

De seguida, iremos recolher informação relativa à sua situação profissional.

→

Atualmente, encontra-se a trabalhar?

Sim

Não

→

Qual a profissão que se encontra a desempenhar?

Considera que a sua profissão acarreta riscos elevados? Se sim, quais?

→

Agora irá responder a algumas questões sobre a sua história clínica.

→

Já possuiu ou possui algum diagnóstico médico/psiquiátrico? Se sim, qual?

Atualmente, toma algum medicamento prescrito? Se sim, qual?

Toma algum medicamento sem prescrição médica? Se sim, qual e com que frequência?

Possui histórico de abuso de sustâncias? (considere também o consumo abusivo de álcool e drogas medicinais ou recreativas, como a canábis, mas não o seu consumo esporádico ou moderado).

→

FACULDADE DE **PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**